
	<p>SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO EM METODOLOGIAS DE ENSINO SUPERIOR MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO</p>	
---	--	---

Disciplina: Oficina Pedagógica.

Docentes: Cristina Vaz, Dionne Monteiro e Márcio Nascimento.

Discente: Juliardnas Rigamont dos Reis.

Oficina: Aplicabilidade da Lei 10.639/2013 no Ensino de Biologia

Essa oficina baseia-se em algumas atividades do caderno de atividades didático pedagógica Tarja Preta: uma proposta de educação intercultural em turmas de língua portuguesa, mas adaptando-as para o contexto da disciplina Biologia.

1. Atividades para serem realizadas em casa:

Os participantes da oficina receberão instruções por e-mail:

- a) Assistir o curta-metragem “**Vista a Minha Pele**” disponível em <https://youtu.be/LWBodKwuHCM>. Que é uma divertida paródia da realidade brasileira, que pode ser utilizado como material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala de aula.
- b) Ler o texto “**Genótipo e Fenótipo: Qual retrato do Brasil? Raça, biologia, identidades e política na era genômica**” dos autores Ricardo Santos e Marcos Maio, que será enviado em anexo para cada participante.

2. Desenvolvimento da Oficina: XX minutos (o tempo exato só poderá ser estabelecido após ter o número exato de participantes na oficina).

1º momento (X minutos):

Expor seis imagens de meninas/mulheres negras com cabelo de diferentes formas e distribuir fichas para os participantes.

Cada participante da oficina terá dois minutos para observação de cada imagem, seguido do registro na ficha que receberam que consta o seguinte enunciado: “Escreva uma frase que você acha que essa menina/mulher escuta das pessoas” e a numeração das fotos com os espaços para as frases.

2º momento (X minutos):

Cada participante lerá as frases que escreveram no primeiro momento.

Os integrantes debaterão sobre as frases escritas. E levantarão hipóteses de por que as mulheres escutam tais frases. O que influencia as pessoas para que elas considerem as

mulheres das fotos assim? Você usaria seu cabelo igual ao de alguma das fotos? Qual (is)? Por quê sim? Por que não? De qual foto vocês gostaram mais? Por quê?

3º momento (10 minutos):

Leitura do texto O que cabelo tem a ver com racismo?, de Bruna de Paula

4º momento (20 minutos):

Questionamentos sobre o texto: Vocês concordam que há relação entre cabelo e racismo? Por quê? O que vocês entendem por racismo? Alisar o cabelo é apenas uma questão de gosto? Por quê?

5º momento (50 minutos):

Relacionar as imagens vistas em sala de aula e o texto “O que cabelo tem a ver com racismo?” com o curta-metragem “Vista a minha pele” e o texto “Genótipo e Fenótipo: Qual retrato do Brasil? Raça, biologia, identidades e política na era genômica”.

Nesse momento o mediador da oficina conduzirá as explicações biológicas acerca dos fenótipos e genótipos e de que forma determinam as diferentes características das pessoas, buscando assim desconstruir o conceito de raça superior e raça inferior imposta pela sociedade.

6º momento (30 min):

Cada participante irá escrever um breve relato de sua relação com seu cabelo desde a infância até agora. Enfatizando se os padrões de beleza impostos pela sociedade, relacionados aos fenótipos afetaram sua auto estima e/ou seu preconceito.

O QUE CABELO TEM A VER COM RACISMO?

Hoje me deparei com o seguinte comentário nessa rede social de meu Deus: “O que tem a ver racismo com mandar a Blue Ivy pentear o cabelo?”

Por: Bruna de Paula

Bom, vamos por partes né? Embora muita gente não saiba (nem sei se ela sabe), mas a Beyoncé é negra (OOOHHH). Sério, ela não é moreninha, café com leite, queimadinha, mulata e outros eufemismos que vocês acham interessante usar porque acham que é muito pesado dizer que uma pessoa é de fato NEGRA. Jay Z também, mas isso ninguém discute porque a negritude dele é indisfarçável. Logo, Blue Ivy nasceu com cabelos crespos... cabelos esses que crescem pra cima e acreditem não há nada de monstruoso nisso.

Querer submeter um bebê a padrões estéticos eurocêntricos é querer que ela esconda suas origens, porque essas são aparentemente não convencionais e não encontro outra palavra pra definir que não seja racismo.

Uma amiga em um post do seu Blog Reapresentando Cores usou um termo interessante: “Ativismo de Cabelo”. Muita gente pode não entender a necessidade de estarmos o tempo todo afirmando que cabelos crespos não necessitam ser “domados”, não estamos carregando nenhum animal raivoso em nossas cabeças (às vezes eu queria que ele fosse pra abocanhar pessoas que acham certo criar uma petição online para pedir que uma criança de 2 anos penteie seu cabelo). Falaram para “pentear para baixo”, “prender com um arquinho”. Bom, vou contar pra vocês a realidade de uma criança de cabelo crespo, vou contar a realidade que graças a Deus não é a da Blue, caso fosse não causaria tanto incômodo. Nossas mães na tentativa de deixar com a aparência que determinaram como “boa”, penteavam nossos cabelos muitas vezes a seco, causando uma tremenda dor, desembaraçavam e prendiam todo pra trás, nossos olhos chegavam a ficar puxados. Mas okay, nosso crespo socialmente inaceitável, estava domado, era o que esperavam da gente até que chegasse uma idade onde finalmente poderíamos fazer usos de químicas altamente corrosivas, ferros quentes e assim tentassem embranquecer nossos traços.



Recebo mensagens de amigas professoras falando que cada vez mais cedo percebem que as mães buscam procedimentos químicos para alisarem ou relaxarem os cabelos de suas crianças. Eu acho um ato criminoso, porque além de fazer mal a saúde, faz mal a identidade. Essa criança vai crescer entendendo que alisar é o procedimento padrão, que é tão natural quanto se alimentar. Por isso muita gente não considera racismo falar de cabelo, diz que é questão de gosto. Não é estranho ser senso comum considerar justamente um determinado tipo de cabelo como ruim? Não é estranho que o bom seja aquilo que seja mais próximo de uma característica branca?

Sabemos que a população negra enfrenta vários outros desafios sociais, que muitos consideram essa questão de cabelo como secundária ou como algo que nem há necessidade de ser abordado. Mas o corpo é aquilo que somos e essa relação precisa ser bem desenvolvida. O racismo desumaniza, nos faz criar rejeição pelo nosso próprio corpo. Os padrões de beleza cerceiam a liberdade a ponto de atingir uma criança que não deve ter preocupação com cabelo ou qualquer outra coisa. Que mais mães tenham consciência de que o cabelo tem forte significado na construção da identidade da pessoa negra. Que ninguém mais tenha que se envergonhar pelo seu corpo livre de padrões.

E sim, seremos ativistas de cabelo enquanto for necessário.

Fonte: Cultura Upload

Disponível em <http://www.geledes.org.br/o-que-cabelo-tem-ver-com-racismo/#gs.x8cTaG0>. Acesso em 2 jun. 2017.